



O DEUS DA BELEZA
A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA BELEZA



O Deus da beleza: a educação através da beleza

PASTRO, Cláudio. *O Deus da beleza: a educação através da beleza*, Paulinas, São Paulo, 2008, 136 páginas.

Esta obra do conhecido artista plástico Cláudio Pastro, especialista em arte sacra, tem por objetivo refletir sobre a relevância e a incidência do espaço sagrado na vida cristã, nas celebrações litúrgicas e na comunicação com Deus. A beleza verdadeira nos educa. Quem a contempla profundamente sente necessidade de transformar a vida. É impossível permanecer igual, passivo, indiferente diante do belo.

A obra compõe-se de duas grandes partes: a primeira, o Deus da beleza, situa a questão da beleza no decorrer da história da humanidade, respondendo à perguntas fundamentais tais como: o que e para que serve a beleza, qual o conceito de arte e de beleza, qual a relação entre arte e beleza; a segunda, a Casa da beleza, trata da questão do como e porque construir Igrejas hoje e do corpo como lugar do Espírito.

O autor mostra como em todas as culturas e religiões a beleza é, sempre, expressão que nasce numa celebração da vida, e a arte, a linguagem fundamental de todas as religiões, pois é a única palavra-imagem universal a todos os seres humanos. Há, hoje, uma crise na beleza, porque a crise está na religião, que não tem sido referência para o ser humano contemporâneo.

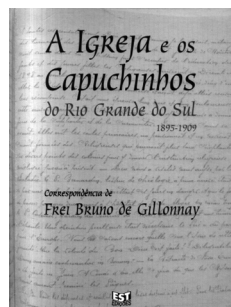
Em estreita coerência com o seu conteúdo, o livro apresenta uma ótima qualidade visual gráfica, ilustrado com imagens artísticas do próprio autor, que se encontram em igrejas e capelas decoradas, no Brasil e no exterior, no decorrer de 30 anos de intensa atividade. Trata-se, sem dúvida, de uma obra original, no seu conteúdo e na forma de apresentação, o que torna indispensável a sua leitura por todos os que desejam conhecer e/ou estudar este tema.

(Resenhado por: Vera Ivanise Bombonato, FSP-ETAP)

A Igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul 1895-1909, correspondência de Frei Bruno de Gillonnay

GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul: correspondência 1895-1909*. Tradução: Vanildo Luiz Zugno. EST Edições, RS, Porto Alegre, 2007, 445 páginas.

Durante todo o Período Colonial e, após a Independência,



no Regime Imperial, a Igreja Católica no Brasil viveu sob o Regime do Padroado com todas as vantagens e limitações que isto significava. Na prática, as vantagens eram muito menores que as limitações... Entre estas, destaca-se o total controle do Governo Imperial sobre todas as atividades da Igreja. Dentre as atividades controladas, estavam as da VR que não podia trazer pessoas da Europa nem aqui ter noviciados.

O fim do Império e a Proclamação da República representou - mesmo que isso pudesse então parecer contraditório aos olhos de um europeu daquela época - uma oportunidade de liberdade para a Igreja e, de modo especial, para a VR. A partir da Constituição Republicana de 1891, Estado e Igreja passam a ser dois entes separados. Uma das primeiras conseqüências desta separação foi a possibilidade de trazer religiosos e religiosas para o Brasil. No fim da última década do séc. XIX e nas duas primeiras décadas do séc. XX, mais de 120 congregações -italianas, francesas, alemãs...- ingressaram no Brasil. O Sul do Brasil, lugar onde estavam se instalando numerosos migrantes europeus, foi lugar de privilegiada atração para essas congregações.

Em dezembro de 1895 partiram da Província Capuchinha de Sabóia (França) os freis Bruno de Gillonnay, Rafael de La Roche e Frei Leon de Montsapey. Vinham com a ânsia da missão e, não com menos interesse, buscar um lugar para a formação dos frades franceses então refugiados no Líbano.

Durante mais de uma década frei Bruno esteve à frente da missão. Nessa função manteve intensa correspondência com seus superiores na França. Correspondência em que, além dos assuntos atinentes à missão capuchinha, refere-se constantemente à presença das outras congregações -Irmãs de São José, Lassalistas, Maristas, Jesuítas, Carlistas...- que naquela mesma época se estabeleciam na região. Os relatos da missão também deixam entrever a realidade da Igreja do Rio Grande do Sul que, naquele momento, buscava estruturar sua presença até então cerceada pelo Regime do Padroado. O dia a dia dos imigrantes - italianos, alemães e poloneses - e suas relações com indígenas e “brasileiros” também encontram forte colorido nas palavras de frei Bruno.

Durante quase cem anos as cartas estiveram guardadas no Arquivo da Província de Sabóia, em Annecy. A presente publicação bilíngüe -francês-português- além de fazer jus à memória histórica de um dos grandes missionários capuchinhos do Rio Grande do Sul, permite, através de suas cartas, conhecer o cotidiano de religiosos e religiosas que, no fim do séc. XIX e início do séc. XX tiveram a coragem de deixar suas terras e igrejas na Europa e aventurar-se no Novo Mundo. A leitura, além da preciosa informação histórica, também serve como alento para os religiosos e religiosas que, hoje, na América Latina e Caribe, deixam suas terras para ir testemunhar a Boa Nova de Jesus Cristo em outros lugares do continente ou além-mar.

(Resenhado por: Vanildo Luiz Zugno, OFM-ETAP)